



Coimbra

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

ANO I

25 DE JANEIRO DE 1934

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção e Administração
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade de
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Composto e impresso na
Casa Minerva — Coimbra



A HOMENAGEM AOS ESTUDANTES MORTOS NA GUERRA

Retalhos

COIMBRA regista, hoje, no seu lugar de honra, o bom acolhimento por todos dispensado — incluída, neste número, a grande e pequena Imprensa, como é de uso dizer-se — ao alvitre que apresentou nestas colunas o nosso querido amigo e brilhante colaborador sr. Dr. Fernandes Martins, incitando os estudantes de hoje a homenagear os seus camaradas que tombaram na Grande Guerra, onde foram chamados em defeza da integridade nacional e do Direito.

Outra coisa não era de esperar, de resto. Da parte dos estudantes de Coimbra, era tempo de desmentir essa toada de insolidariedade com que se tem pretendido envolvê-los. E desde que o âmbito da homenagem, que não perde, por isso, o seu cunho retintamente académico, se alargou também a todos aqueles que passaram por esta Universidade e que, hoje, ou nela ensinam ou cuidam da sua vida de norte a sul do país, de estranhar seria que esses não respondessem à chamada, recusando-se a colaborar numa homenagem que é de todos os estudantes, — dos de ontem e dos de hoje.

Esta iniciativa, em tão feliz hora lançada aos quatro ventos, serviu, até, para quebrar, de certo modo, a apatia com que são olhadas as últimas gerações académicas, no que toca em espirito solidário. E' que o bom acolhimento, o bom agasalho que ela logrou encontrar nos peitos dos velhos e novos académicos, demonstrou que o espirito solidário existe, e bem forte, por sinal: para o despertar, basta que se norteem os actos por uma conduta nobre e altruista. Se ha momentos na vida académica que são decisivos e que ficam através das idades a perpetuar o gesto duma geração, — este é um deles!

Não faria sentido que tão criminosamente — é este o termo — esquecêssemos os nossos camaradas que ficaram em Africa e na Flandres, batendo-se ao lado dos nossos soldados como soldados que também eram. Eis porque se impunha a homenagem que se lhes vai prestar. Resta que todos, sem uma única excepção, se compenbrem dos seus deveres, nesta hora. As listas de subscritores foram já distribuídas e nalgumas delas, dentro de poucas horas, registaram-se importantes donativos. Estudantes de Coimbra: chegou a vossa vez!

Não fazemos apêlos. Fazê-los, aqui, em meia dúzia de linhas, o mesmo seria que desvirtuar, a atmosfera de carinhosa simpatia que envolveu esta iniciativa, tão depressa ela se tornou conhecida do público.

Cumprimos o nosso dever. O resto, agora, está confiado a todos nós, estudantes de Coimbra.

Porque não conseguimos ainda recolher as respostas necessárias para uma entrevista com o sr. Dr. Oliveira Guimarães, ilustre Inspector do Ensino Primário, só no próximo número podemos iniciar, com essa entrevista, o inquérito à volta de todos os estabelecimentos do ensino secundário particular desta cidade, que anunciamos no último número.

Abriu, na Camara Municipal, domingo passado, o II Salão dos Divergentes.

Ha, nele, nma porção de trabalhos distribuídos pelas quatro paredes da sala. E entre tantos trabalhos — nem outra coisa era de esperar... — há bons e ha maus.

Cada expositor é dotado, por certo, de critério selectivo: bom era, pois, que o applicasse aos seus trabalhos, antes de os trazer a público.

Evitar-se-iam, dessa maneira, algumas notas destoantes que nesta exposição se registam. Porque há lá bons trabalhos, alguns tratados com largueza e cuidado, — motivo porque se impõe uma visita à exposição.

No Cine-Teatro Sousa Bastos, deu ontem um recital a distinta declamadora brasileira D. Margarida Lopes de Almeida.

Trata-se duma grande artista da nação irmã, que teve, ontem a escatá-la uma assistência selecta.

A VIDA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA

A Associação Académica

Em Janeiro de 1928, a convite da direcção da Associação Académica, realizou uma conferência, no seu salão nobre, sobre as origens e vida desta agremiação, o sr. Doutor Teixeira Bastos, hoje afastado da sua cátedra por haver atingido o limite de idade.

Trata-se dum estudo cheio de interesse e deduzido com invulgar brilhantismo. E porque nem todos aqueles que hoje frequentam a Universidade tiveram ocasião de ouvir a palavra fluente do ilustre Professor, iniciamos, neste número, a publicação dum extrato desse trabalho, na certeza de que será bem recebida por todos esta nossa iniciativa.

A actual Associação Académica teve como primeira predecessora a Sociedade dramática fundada em 1813-1814 por um grupo de estudantes apaixonados da arte de representar.

Tendo instalado um teatro na parte terra do Colégio das Artes (hoje Hospital da Universidade) que deita para o Laboratório Químico, ali levaram à scena duas peças, (Préssival, de Armand e Zaïra, de Voltaire); e estavam ensaiando a 3.^a— O Busto, de Voltaire— quando lhes foi intimado o encerramento do teatro pelo reitor D. Francisco de Lemos, recoso da propoganda, por meio dele, de ideias avançadas.

Compreende-se a atitude de D. Francisco de Lemos, vítima de grandes dissabores, de que necessariamente os seus actos se haviam de ressentir.

Colaborador de Pombal na reforma da Universidade, como reitor desta, cargo para que fôra nomeado por Dec. de 8 de Maio de 1770, alastou-se da reitoria, durante 29 meses, em seguida ao falecimento do rei D. José (24-2-1777), sendo por fim substituído pelo principal Mendonça (D. 25 de Out. de 1779), a que se seguiu na reitoria o principal Castro. Pela retirada deste, foi pela 2.^a vez D. Francisco de Lemos nomeado reitor da Universidade (Carta regia de 13 de Maio de 1799) Mas sobreveio a invasão francesa; e, por ordem de Junot, esteve expatriado em França durante dois anos. Ao regressar finalmente a Coimbra, e encontrando-se já na Mealhada, foi inesperadamente mandado apresentar no Porto, sob a acasação de jacobino e traidor. Só pôde voltar a Coimbra e tomar conta do governo da Universidade e da sua diocese em

23-12-1813; o que se deve sobretudo aos esforços do Dr. José Monteiro da Rocha, pessoa de grande valimento junto do príncipe regente, com o antigo professor do príncipe da Beira, seu filho.

Os breves traços que aí ficam são bastante elucidativos do procedimento do reitor D. Francisco de Lemos relativamente ao teatro académico. Depois duma interrupção de 4 anos, ressurgia o teatro na Rua dos Coutinhos, por iniciativa de alguns estudantes, principalmente de Garrett, que para ele compôs as tragedias *Lucrecia* e *Xerxes*.

Seguiu-se um longo repouso motivado pelas nossas lutas civis, até que em 1836 reapareceu o teatro no Colégio das Artes, dando-se o 1.^o espectáculo a 4 de Abril (aniversario de D. Maria 2.^a) com o drama «Catão» de Garrett. Constituiu-se ao mesmo tempo uma Sociedade com o nome de «Academia Dramatica», cujos estatutos foram impressos no ano seguinte. Desta Sociedade derivou, pela separação dum grupo dissidente, a «Nova Academia Dramatica» à qual foi cedido em 1838 o Colégio de S. Paulo (actual Faculdade de Letras)—cedencia confirmada por Carta de Lei de 15 de Setembro de 1841.

Os estatutos desta Sociedade foram aprovados por portaria de 4-12-1840.

No patio do Colegio foi constituído um amplo teatro, inaugurado em 24 de Junho de 1839 com o drama em 3 actos «Nodoa de Sangue» e a comédia «Boda em trages de porqueira». Em Abril de 1849 foram reformados os Estatutos da Sociedade, que passou a chamar-se «Academia Dramatica de Coimbra». As reformas estatutarias de 1860 e 1866 mantiveram esta denominação; mas os novos Estatutos de 1887, aprovados por alvará de 4 de Novembro, substituíram-na pela de «Associação Académica de Coimbra». No Colegio de S. Paulo viveu a Associação até 1889, ano em que começou a ser demolido o Teatro Académico, para ser substituído por um amplo edificio moderno— iniciativa da Ministro Emídio Navarro, que não teve seguimento.

Deram-se os últimos espectáculos do Teatro Académico nas noites de 9 e 10 de Fevereiro de 1888.

— A Associação Académica, perdida a sua séde de tantos anos,

foi alojar-se provisoriamente no Colégio da Trindade; mas, em Maio de 1892, em consequência do conflito académico daquele ano, foi mandada encerrar, só ressurgindo em 1896, com estatutos aprovados por alvará de 14 de Maio de 1898.

Depois de andar 17 anos por casas de alguém, instalou-se, por fim, no rés-do-chão do colégio dos Paulistas (edificio actual), que tinha sido cedido ao «Instituto» por portaria de 5 de Junho de 1868.

Foi por proposta do Dr. Guilherme Moreira que em sessão do Senado Universitário de 8 de Novembro de 1913 foram cedidos os baixos do Colégio dos Paulistas à Associação Académica.

Todos sabem que o edificio passou todo mais tarde para a Associação e que o aniversario deste acontecimento é sempre ruidosamente festejado (1).

* * *

Durante 50 anos decorreu a vida da Associação Académica no Colégio de S. Paulo, e a este período estão ligadas as suas mais brilhantes tradições.

Em nobre local assentava o Colégio de S. Paulo.

Nele mandara el-rei D. Diniz construir o edificio, onde se instalaram os Estados Gerais, ao serem transferidos de Lisboa para Coimbra em 1308.

Quando mais tarde D. João III fixou definitivamente em Coimbra a Universidade, passaram os Estados a alojar-se nos Paços Reais— desde então também chamados Paços das Escolas— sendo por essa ocasião demolido o edificio primitivo para dar lugar à construção do Colégio de S. Paulo, destinado como o seu congénere de S. Pedro a graduados em Teologia, Canones ou Leis, candidatos ao Magistério. Este último esteve a princípio na Sofia onde actualmente existe o Asilo da Mendicidade, até que D. Sebastião lhe mandou dar uma parte dos Paços Reais. Ainda hoje é conhecido com o nome de Colégio de S. Pedro a parte do edificio Central da Universidade ocupada pela Escola Normal Superior e 1.^a secção da Faculdade de Sciencias.

(Continua no próximo numero)

A homenagem aos estudantes mortos na Guerra

No passado dia 19 reünia na nossa redacção, pela primeira vez, a Comissão Académica que vai promover a homenagem aos estudantes mortos na Grande Guerra que, entre outras deliberações, resolveu que fôsse imediatamente distribuídas as listas para serem preenchidas por todos aqueles que vão cooperar na nossa comovedora iniciativa.

Na mesma reünão foram lidas duas cartas, que publicamos a seguir com tão grande prazer quanto é certo que elas demonstram bem o carinho com que os seus signatários, para quem vão neste momento os nossos protestos de gratidão, receberam a notícia de que a Academia de Coimbra ia cumprir este sagrado dever para com os seus Mortos.

Coimbra, 18 de Janeiro de 1934.

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Comissão de Estudantes da Universidade que se propõe perpetuar numa lápide a memória dos Estudantes de Coimbra, mortos na Grande Guerra.—Redacção de «Coimbra».—Associação Académica—Coimbra.

Os jornais anunciam o pa-

triótico propósito da Comissão a que V. Ex.^a distintamente preside.

Da sua leitura, porém, conclue-se que na homenagem a prestar intervirão apenas os estudantes desta geração.

Mas envolve tão alto significado esta enteneccora manifestação que era meu desejo colaborar nela, embora ha muitos anos tenha concluido o meu curso na Faculdade de Direito da nossa gloriosa Universidade.

Não quererá a Comissão a que V. Ex.^a dignamente preside autorisar que os seus antigos camaradas de outras gerações se associem a este impressionante movimento?

Muito prazer teria em que assim succedesse, quem atenciosamente se sabereve, com a mais alta consideração,

De V. etc.—*Henrique Videira e Melo*. — Bacharel formado em Direito e professor adido da Escola do Magistério Primário de Coimbra.

Loazã, 17-1-934.

Ex.^{mo} Senhor Director do jornal «Coimbra». — Associação Académica.—Coimbra.

O jornal que V. distintamente dirige anuncia que ama Comissão de Estudantes da Universidade de Coimbra vai comemorar solenemente, numa

lápide, o sacrificio heroico dos seus camaradas que a morte ceifou, nos campos da batalha, durante a Grande Guerra.

Era meu ardente desejo, como antigo estudante de Coimbra, colaborar, modestamente embora, nessa justa homenagem; e, assim, com o maior empenho, solicito de V. tal permissão, que muito me sensibilizará.

Com a mais alta consideração me saberevo,

De V. etc.—*António da Rocha Dantas*—Conservador do Registo Civil.

Teatros

HOJE

Avenida — A Armada Azul

Souza Bastos — Que custa um Beijo?

AMANHÃ

Avenida — A Armada Azul

Souza Bastos — Sangue Vermelho com Clara Bow



O **Floromentol** é um grande desinfectante das vias respiratórias, de efeitos maravilhosos na tosse, bronquites, anginas e infecções da boca. Os bons resultados do **Floromentol** tornaram este produto bem conhecido em todo o país.

Depósito Geral:

Laboratório da Farmácia Pereira
COIMBRA

LEITARIA CONIMBRICENSE

RUA VISCONDE DA LUZ

Chás-concêrtos às Quintas-feiras e Sábados, abrilhantado por um tereceto
O CAFÉ PREFERIDO PELOS ESTUDANTES

Café Restaurante Santa Cruz

(Monumento Nacional)

Serviços de casamento, baptisados, bailes, etc.
Encarrega-se de banquetes
para qualquer numero de pessoas
O restauraate preferido pelas suas instalações
e pela sua cosinha

O fato faz o homem. E a Alfaiataria Coimbra

faz o fato.

A casa preferida por todos que vestem bem.

RUA FERREIRA BORGES

Um manuscrito indiscreto

Uma hipótese sem importância

pelo DOUTOR ROCHA BRITO

(Continuação do número anterior)

Não nos vai ser difícil fazer essa identificação, pois de tal se encarrega outro documento existente na mesma colecção e que mais rapidamente podereis ler nas notas compiladas pelo Dr. Simões de Castro, a cuja memória presto aqui o meu preito de saudade, sobre a vinda e estada de D. João III em Coimbra no ano de 1550.

Assim apuramos que o monarca a quem devemos a passagem da Universidade de Lisboa para Coimbra, se encontrava nesta cidade desde o dia seis de Novembro até 13 do mesmo mês, em companhia de sua esposa, a rainha D. Catarina, irmã de Carlos V, de seu filho o príncipe D. João e de sua irmã, a infanta D. Maria.

Coimbra, isto é a Universidade e a Cidade estava em festa, agradecida ao seu rei pela dádiva magnífica.

Para o festejar com magnificência nunca vista reuniu a Universidade o seu claustro pleno e aí se resolveu em conselho-mór como receber a comitiva real.

Delineado o programa, põe-se em prática no dia 6 de Novembro. É assim que todo o corpo docente, a cavalo e trajando capas e batinas, borlas e capelos, a gente oficial e grata da terra, a academia, aí uns seiscentos estudantes, em luzido cortejo, atravessam as ruas da cidade, alcatifadas de junco e espadana, as casas enfeitadas com ricas colgaduras, passam a dois e dois, a velha ponte de pedra e vão esperar os régios visitantes em S. Martinho do Bispo. (Imponente e maravilhoso espectáculo, que não sei como ainda não inspirou o pincel dos nossos pintores).

Apenas chegado o préstito e avisada que foi a comitiva del-rei, os lentes e convidados apearam-se e

«o Reitor se poz deante e logo a suas ilhargas se puzeram dous doutores teólogos mais antigos S. S. o doutor António do Prado, lente de prima de teologia e Marcos Romeiro, lente duma cadeira de teologia do testamento velho e assim em precissão para traz se puzeram mestre Martinho de Ledesma lente de vespora e Rodrigues lente de terça e António Vaz e Pero

de Figueiredo teólogos, e o doutor Martim Aspilculca Navarro, lente de prima da Canones e o dr. Bertolamêu Felipe, lente de decreto e o doutor João de Morgorejo, lente de vespera e o d. Manoel dAndrade, lente do sexto, e o doutor Gonçalves e o d. Belchior Cornejo lentes de duas Catedrilhas de decretais e o dr. James de Morais, e d. Alarcão do desembargo de sua alta e o d. Manoel Veloso, e o d. Nicolao Lopes, cononistas o doutor Fabio Arcas de Narnia lente de prima de leis e o d. Manoel da Costa, lente do ff. velho e o d. ascano Escoto lente de vespra e o d. António Vaz, lente de codelgo e o d. Gil de Vilha Lobos, legistas; o doutor Rº de Reinoso lente de prima de Medicina e o d. Pedro Nunes lente de Mathematicas e o d. Tomas Rodrigues lente de vespara e o d. Francisco Franco, lente de terça e o d. Cosme Lopes e o d. M^{re} M^{el} médicos, e o snr. Dom Sancho de Noronha! M^{re} em Artes e bacharel formado em Teologia, e o M^{re} Luiz Alvares Cabral e o Francisco Artacho, licenciado em Teologia, e o M^{re} Diogo Gouveia e o M^{re} Diogo Lopes e o M^{re} Inacio de Morais e o bacharel António Pimenta e o doutor Garcia de Carvalho Conservador do desembargo de sua alteza e eu Diogo dAzevedo escrivão do conselho e Nicolao Leitão Recebedor Geral e Pedro Dias Castel branco vedôr e contador e o Licenciado Estevão Nogueira, sindaco e Simão de Figueiredo escrivão que serve na mēsa da fazenda nas cousas que foram do Priorado mór, officiais e dom Jorge, filho do Conde de Castanheira e dom João Alvares de Meneses, filho do Arcebispo de Lisboa e dons filhos de D. João de Cantanhede e Pesanha e dous filhos do Cirurgião-mór e Cristovão Esteves, filho de Bernardim Esteves, desembargador da fazenda de sua Alteza e o Licenciado João Morēno lente de Instituta e o bacharel Cosme Fernandes, lente de codelgo e o bacharel Manoel da Fonseca,

lente de instituta, e dom Jorge dAlmeida, filho de dom Pedro dAlmeida e dom Alvaro da Costa filho de dom Gil Eanes e outros muitos estudantes e pessoas que particularmente se não podem nomear.

Logo que suas altezas viram a Universidade se saíram de suas andas e se puzeram a cavallo e vieram e sendo um tiro de malhão, a Universidade que estava assim por ordem, se foi ao encontro a suas Altezas, que esperavam juntos o rei tendo à direita a rainha e à esquerda o príncipe, que tinha à esquerda a infanta, sua tia.

Seguiu-se o beija-mão, após o que se formou de novo o cortejo para o regresso e pela mesma ordem, isto é, primeiro os teólogos com as suas insígnias brancas, os canonistas e verdes, os juristas vermelhas, os médicos amarelos e os mestres das Artes azuis cõr do céu, no fim do cortejo vinha a comitiva real, que foi acompanhada até o Paço Episcopal, hoje Museu Machado de Castro, «sem duque, nem outro ser algum vir mais junto que a dita Universidade».

Perdõe o leitor a grande tirada, mas além de que ela nos relaciona com gente illustre da nossa Universidade, ela vai permitir-nos as identificações prometidas e alguns comentários à margem.

O monarca não quiz assistir ao doutoramento, porque já tinha presenciado às solenidades de recepção na sala grande, que não era a nossa actual (construída nos princípios do século XVI e pintado o seu tecto em 1651), onde ouvira um esplêndido discurso em latim, escrito e recitado por Inácio de Morais, e que levava uma hora a dizer; tinha já assistido à representação duma peça teatral — Golias — e a várias lições. Por isso, e talvez porque começava a preocupar-se com as más novas que vinham de Lisboa sobre a saúde dos parentes, preferiu ir de longada visitar aos Olivais, a capela onde estivera Santo António.

O Reitor era Frei Diogo de Murça, Doutor por Luvaia homem activo, cujo reitorado durou 12 anos, a que corresponde, segundo

(Continua na 8.ª página)

CRÓNICA CIENTÍFICA

A água pesada

Até há pouco tempo, pensavam que havia uma só espécie de água quimicamente pura, que seria um composto bem definido em cuja molécula existiriam dois átomos de hidrogénio e um de oxigénio da mesma espécie. Porém, ultimamente foi descoberta uma outra água com propriedades diferentes — a água pesada —. Como explicar a existência desta água?

O conhecimento da química-física moderna, permite prever a sua existência

Com efeito, está hoje estabelecido que os átomos da maior parte dos elementos químicos não são idênticos, mas formados por misturas de isótopos, cada um dos quais com um peso atómico sensivelmente inteiro. Assim, o cloro ordinário, deve ser considerado como a mistura de dois isótopos com os pesos atómicos 35 e 37, reunidos de maneira que, o peso atómico da mistura é um numero fraccionário 35,46. Porém, todos os isótopos do cloro se encontram na casa décima sétima do sistema periódico; por consequência, têm todos o mesmo numero atómico. Isto significa que em todos eles a carga do núcleo, que é igual ao número de electrões extranucleares, é dezasete

Depois da descoberta do neutrão, corpúsculo sem carga eléctrica e da do positrão, corpúsculo com a massa do electrão e carga igual e de sinal contrário, os físicos e químicos consideram o protão como a associação destas duas partículas. Ora o hidrogénio é considerado da mesma maneira que o cloro, como a mistura de dois isótopos, um com o peso atómico um, o outro com peso atómico dois. O primeiro, contém no núcleo um protão e, fóra deste, um electrão. O segundo — hidrogénio pesado — tem no núcleo um protão, um neutrão e fóra deste um electrão. Rutherford propõe para o hidrogénio pesado o nome de *diplogénio*.

E' pois natural admitir que o hidrogénio pesado ou diplogénio entra em todos os compostos químicos definidos e, por consequência, na água.

Washburn, Urey, Lawis e Macdonald demonstraram a existência da água pesada, extraindo a por meio de electrólises repetidas e d'algumas operações químicas suplementares.

De quarenta litros de água ordinária obtiveram um centímetro cúbico de água pesada de densi-

dade 1,073. Esta água contém 65,7% de hidrogénio pesado. Em seguida, Lewis e Macdonald, obtiveram 0,12 cc de água pesada praticamente para na qual a percentagem de hidrogénio ordinário era inferior a 0,01. O ponto de congelação desta água é de 3,8° o ponto de ebulição 101,42 e a temperatura a que atinge a sua densidade máxima é 11,6°.

A densidade desta água, à temperatura de 25° é 1,1 vezes mais densa que água ordinária. Em suma, as suas propriedades físicas e químicas diferem consideravelmente das da água ordinária.

Presentemente, no laboratório químico da Universidade de Princeton obtêm-se quantidades de água pesada relativamente grandes. Devido às dificuldades de preparação, um grama desta água, custa cerca de três mil e quinhentos escudos. Segundo o professor Taylor, em 5.000 partes da água da chuva existe uma parte de água pesada. O professor Caley verificou que esta dissolve mais facilmente os sais que a água ordinária. Uma molécula de água pesada é constituída da mesma maneira do que a água ordinária, por dois átomos de hidrogénio e um de oxigénio. Mas os átomos de hidrogénio que entram na sua constituição são átomos de hidrogénio pesado. Contudo, é possí-

vel que a extrutura molecular d'esta água, seja mais complicada, pois além do oxigénio ordinário de peso atómico 16, existem isótopos de peso atómico mais elevado, 17 e 18.

A densidade excessiva d'esta água, pode provir, não somente dos átomos de hidrogénio pesado, mas também de oxigénio pesado.

Antes de ter sido possível obter hidrogénio pesado, Lewis tinha, previsto que a água pesada não permitia a vida, e seria funesta aos organismos superiores. Esta previsão foi já verificada experimentalmente. Lewis introduzia doze sementes de tabaco (*Nicotina tabacum*) em seis tubos idênticos — duas por tubo; nos três primeiros, introduzia 0,02 cc de água destilada ordinária; nos outros três, 0,02 cc de água pesada. Todos os tubos foram hermeticamente fechados e postos num termostato à temperatura de 25°. As sementes contidas na água destilada ordinária começaram a desenvolver-se ao fim de algum tempo; pelo contrário, as sementes postas na água pesada não manifestaram qualquer desenvolvimento.

Recentemente, Swingle mostrou que a água pesada era funesta a certos animais de água doce, como, por exemplo, aos peixes, rãs, etc.

A água pesada é, pois, um veneno para os organismos vivos. Desde já podemos presumir que dentro em pouco será utilizada como medicamento.

Coimbra, Janeiro, 1934

FERNANDO PINTO COELHO

FANTASIA

Ao Mestre amigo Arménio Faria
A' sua alma de Artista.

Olhos lentos de Palhaços
Cheios de mágia no olhar...
Sonhos desfeitos, cansaços,
Calma parada, a cismar...

Oiço passos! Desatino!...
(Sons tristes dentro de mim...)
Ando só e sem destino —
P'ra onde? .. — perdi o fim!

(Olhos longos de palhaços,
Calma parada aos pedaços...)
Acordo! — Dança o luar...

— Senhor, ao longe, no Deserto:
Que fazes aqui tão perto?
— Sou o Poeta, a sonhar ..

ACADEMICOS!...

Comprai as vossas
camisas,
peugas,
luvas e demais
artigos na
acreditada
casa

João Mendes, L.^{da}

A Orchidea

DE

José Joaquim da Cunha Melo

Fábrica de Coroas, Flores Artificiais
e aprestos para as mesmas



Telefone 4078

94, Rua das Flores, 102

PORTO

Farmacia do Castelo

Telefone 183

SECÇÃO CIRURGICA

COIMBRA

MOBILIARIO

Mezas de operações, Mezas de pensos, Irrigadores de columna,
Lavatórios, Armários para ferros, Estufas para ferros e Bancos rotativos

INSTRUMENTOS DE CIRURGIA

Depósito de material cirurgico importado directamente das principais
fábricas de França e Alemanha, Sempre Novidades

ELECTRICIDADE MEDICA

Aparelhos de raio X, de diatermia, de raios ultra violetas,
de raios infra vermelhos e Lampadas Solux

MECANOTERAPIA

Aparelhos da casa Rossel Schwarz & C.^a

Preços de absoluta concorrência com as casas Lisboa e Porto

Nova Leitaria Académica

DE

Joaquim Inácio

Tel. 117

7, R. Larga, 9

COIMBRA



Para chás, noitadas, cafés,

E outros bons bocadinhos:

A Leitaria Académica

Tem sempre licor's e vinhos...

Diaminerva

Substituí com grande vantagem os cremes, as vaselinas ou ainda «outras misturas» que, muitas vezes, só prejudicam a pele.



Diaminerva-Perfume

O melhor e mais barato creme para a cara.

Novogenol

Tuberculose, anemia, linfatismo raquitismo, escrófulas, crescimento irregular; fastio, azia; magreza, palidez, debilitação; fadiga cerebral, doenças mentais, insônia, neurastenia; paludismo; suores noturnos, perdas seminaes; convalescenças; e em todos os casos contra que se empregava as emulsões, o ferro, as pastilhas para gente pálida, kolas, glicerofosfatos, etc.

Têm-se curado milhares de doentes com o

NOVOGENOL «MINERVA»

Novagaduina

(Granulado)

As crianças ou mesmo os adultos, devem tomar a *Novagaduina* em substituição do óleo de fígados de bacalhau.

Bem suportada pelos estômagos delicados, o que aliaz não acontece com o óleo de fígados de bacalhau.

Depois de 10 a 20 dias de tratamento pela «Novagaduina», observa-se: Muito apetite. Grande aumento ne força. Aumento de peso.

À VENDA EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS

LABORATÓRIO MINERVA COIMBRA

ARNAUT FERREIRA

ENCADERNADOR

Pastas de luxo : Pastas de café

Vendas de pastas e fitas para todas as Faculdades

RUA BORGES CARNEIRO, 5-7

Mendes Castanheira, L.^{da}

SÉDE:

Rua Bordalo Pinheiro, 76

COIMBRA

TELEFONE 757

MANTEIGARIA:

R. dos Banhos, 51 — F. da Foz

Bolachas e Biscoitos

DIA

NACIONAL

A

GRANDE MARCA PORTUGUESA

Em Lisboa o Hotel preferido pelos estudantes de Coimbra é o

Suisso Atlantico Hotel

COSINHA HIGIENICA

QUARTOS ESPLENDIDOS

Preços especiais para excursões

Rua da Glória, 3

LISBOA

Vem a Coimbra? Siga
o nosso conselho:

Hospede-se nos

HOTEL AVENIDA

COIMBRA HOTEL

(Recomendados pela Sociedade de
Propaganda de Portugal)

Direcção de: Filipe Pais Fidalgo

Um manuscrito indiscreto

Uma hipótese sem importância

(Continuado da 4.ª página)

Teófilo Braga, a época mais gloriosa da Universidade e ao qual, nós os médicos devemos honrar a memória pela defesa que fez dos verdadeiros médicos contra os falsos médicos, como ainda agora o Prof. Ricardo Jorge:

«Os estudantes de Medicina se vão os mais deles graduar de bachareis a Salamanca e isto como tem dois ou três anos de Medicina, o que fazem pelo favor que têm do físico-mór, o qual lhes passa cartas para poderem curar, ainda que não sejam aqui graduados e a muitos as passa que nem aqui, nem em outros partes são graduados; emquanto o físico-mór isto fizer, V. A. não tem Faculdade de medicina em Coimbra, e muitos poucos sam os que perseveram até o cabo do seu curso, donde nascem os físicos que chamam mata-sanos e Jcha-corvos, que não sabem cousa alguma.

Muito grande serviço de Ds seria e de V. A. e bem destes reinos o físico-mór receber satisfação do interesse que nisto lhe vai, se com direito pode haver, e cessar de usar desta maneira de passar cartas a pessoas nidoctas e nom graduadas, em que só os graduados de Coimbra curassem no reino Conforme a lei que V. A. sobre isso tem feito.

Sobre isto escrevi o ano passado a V. A. e nom se fez nada, e multiplicam-se pelo feito estes mata-sanos, que disse, que depois seram maus de tirar» (T. Braga).

— O Doutor Ascano Ascote, que lhe deu o grau e pronunciou «uma breve oração e de muita authoridade» vice-chanceler, doutor «in utroque», era lente de vespera, em Leis, viera da Itália contratado por D. João III, bem como:

O padrinho do doutorando, que lhe pôs as insignias, o Doutor Fabio Arcas de Navina, «in utroque» lente de prima, igualmente em Leis. Fôra convidado a vir a Roma ter pelo salário anual de «360\$00 e para casas 22\$000 reis».

Os bedéis também não ficarão no esquecimento, pois sabemos que eram Gaspar de S. Paio, pela teo-

logia, André Vaz da Fonseca, pelos Canones, Marcos Nunes, pelas Leis, o bacharel Manuel Franco, pela Medicina (seria um colega sem clinica?) e Fernão Lopes, pelas Artes.

O escrivão do Conselho-mór, isto é o secretário geral, a quem devemos estes e outros interessantes documentos, era Diogo de Azevedo Coutinho, personagem ilustre que foi encarregado por D. João III da difícil missão diplomática de ir ao estrangeiro escolher e convidar professores para ensinarem em Coimbra; era já meu velho conhecido e amigo como procurador da Casa da Gafaria, em cujo arquivo vi muitos acórdãos por êle assinados.

Quanto ao teatro, onde o príncipe esteve com «tanta Magestade e Authority» era apenas uma espécie de trôno armado na «Sala Grande» e donde a familia real assistiu às cerimônias. As grandes esperanças que de sua alteza a todos ficaram, essas não se realizaram, pois, que aos 17 anos, isto é quatro anos depois, morria este príncipe, se bem me recordo de diabetes e, se não estou em erro, conforme o diagnóstico de Manuel Basto de Sousa, deixando no ventre da sua viúva aqueta que seria — «a maravilha fatal da nossa idade».

E o bacharel que ao fazer o elogio do doutoramento viu a memória atraíçoa-lo durante algum tempo antes que podesse retomar o fio ao discurso, quem era?

Não o disse Diogo de Azevedo Coutinho, mas não sem maldade nenhuma, talvez possamos saber-lhe o nome, sem aliás prejudicarmos a sua memória, pois a amnésia súbita no decorrer dum discurso e quando a emoção vibra a todo o pano, como neste caso, é tudo quanto há de mais banal.

Leitor, uns minutos de atenção e ruciocine com-nôscos.

D. Brigida Augusta Correia de Castro e Almeida

Nos quartos particulares do Hospital da Universidade faleceu a veneranda senhora Dona Brigida Augusta Correia de Castro e Almeida, esposa do nosso ilustre Colaborador e insigne poeta, sr. Doutor Eugénio de Castro.

A Sua Ex.^a Coimbra envia os protestos do mais sentido pesar

Senhora dos olhos negros...

(canção)

Maria—morena esguia
Senhora dos olhos negros ..
Morre a noite e nasce o dia
Nesses lindos olhos negros...

Leio um mistério profundo
Nesses lindos olhos negros...
Por eles trocava o mundo
Senhora dos olhos negros!

Nem uma estrela alumia...
Crepes da noite—tão negros!
Mas nos teus olhos é dia
Senhora dos olhos negros!

Vão murchar na noite fria
Rosas de destinos negros...
Valei-lhes nessa agonia
Senhora dos olhos negros!...

Poeta, só sei cantar
Uns lindos olhos tão negros!
Ando na vida a sonhar
Senhora dos olhos negros!...

JOAQUIM VEIGA

Vida Universitária

Acompanhada pela sua assistente Sr.^a Doutora Cristina Duismon-encontra-se em Coimbra, a convite da nossa Universidade, a Sr.^a Doutora Joana Westerdijk, de nacionalidade holandesa, que é professora distintíssima das Universidades de Amsterdam e de Utrecht e Directora dum Instituto de investigação científica para assuntos de Patologia vegetal.

A ilustre senhora está a reger um curso especializado de Micologia aplicado à Patologia vegetal, que desde segunda-feira funciona com o maior successo no Instituto de Botânica e que deve dar dez dias.

E' frequentado por 32 alanos entre os quais, dois professores da Faculdade de Medicina de Coimbra, assistentes das Faculdades de Ciências e Farmacia do Porto, da Faculdade de Ciências de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia e da Escola de Regentes Agricolas de Coimbra.

Trata-se dum curso eminentemente prático feito todo no laboratório.

Esta Senhora faz hoje uma conferência que será presidida pelo Sr. Reitor da Universidade, Doutor João Duarte de Oliveira.

Este número foi visado pela censura.